

David Hume e a necessidade de seguir a filosofia abstrusa na descoberta da província apropriada da razão humana

David Hume and the need to follow the abstruse philosophy for the discovery of the proper province of human reason

David Hume et la nécessité de suivre la philosophie abstraite pour découvrir la province appropriée de la raison humaine

Roni Ederson Krause de Oliveira¹

Resumo: Uma preocupação recorrente incomoda David Hume (1711-1776) ao longo das suas obras, principalmente nas advertências, prefácios e introduções: a natureza da relação entre filosofia acadêmica e filosofia popular. Mesmo a natureza impondo que não podemos nos dedicar inteiramente aos estudos sem sofrer e adoecer por isso, Hume argumenta que devemos insistir na busca pela verdade, por mais difícil que essa busca seja. Assim, desejar ser homem em meio a toda a nossa filosofia, é uma necessidade e não a um preceito moral. Contra a imagem do Hume cético, defendida por muitos especialistas dessa filosofia, defendo, neste trabalho, a ideia de que a noção predominante não é de que a filosofia apropriada para a humanidade reside num equilíbrio entre a filosofia abstrusa e a filosofia fácil, mas que, apesar das vantagens da filosofia fácil, a verdade somente pode ser encontrada no âmbito da filosofia abstrusa. Assim, há a prevalência da filosofia abstrusa sobre a fácil, enfatizando a importância maior que esse tipo de filosofia tem para o filósofo escocês. Para este fim, textos de diferentes períodos da vida do filósofo são abordados: *Um tipo de história da minha vida* ou *Carta a um médico* (1734), a introdução do Livro I do *Tratado da natureza humana* (1739), bem como a advertência, as páginas iniciais do Livro III e o prefácio da *Sinopse* (1740), assim como são abordados o ensaio intitulado *Sobre escrever ensaios* (1742), a seção I da *Investigação sobre o entendimento humano* (1748) e o ensaio intitulado *Do comércio* (1752).

Palavras-chave: Filosofia abstrusa. Filosofia moral. Metafísica.

Abstract: A recurring concern bothers David Hume (1711-1776) throughout his works, mainly in the warnings, prefaces and introductions: the nature of the relationship between academic philosophy and popular philosophy. Even nature imposing that we cannot dedicate ourselves entirely to studies without suffering and getting sick for it, Hume argues that we must insist on the search for truth, no matter how difficult this search is. Thus, wanting to be a man in the midst of all our philosophy is a necessity and not a moral precept. Against the image of the skeptical Hume, defended by many specialists in this philosophy, I defend, in this work, the idea that the predominant notion is not that the appropriate philosophy for humanity resides in a balance between abstruse philosophy and easy philosophy, but that, despite the advantages of easy philosophy, truth can only be found within abstruse philosophy.

¹ Mestre e Doutor em Filosofia (UFG e UNISINOS, respectivamente). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás E-mail. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0918-8316>.

Thus, there is a prevalence of abstruse philosophy over easy, emphasizing the greater importance that this type of philosophy has for the Scottish philosopher. To this end, texts from different periods of the philosopher's life are approached: *A kind of history of my life* (1734), the introduction of Book I of the *A Treatise of Human Nature* (1739), as well as the warning, the opening pages of Book III and the preface to the *Abstract* (1740). Also discussed in this study is the essay entitled *Of Essay-Writing* (1742), Section I of the *An Enquiry concerning Human Understanding* (1748) and the essay *Of Commerce* (1752).

Keywords: Abstruse philosophy. Moral philosophy. Metaphysics.

Résumé: Une préoccupation récurrente taraude David Hume (1711-1776) tout au long de son œuvre, principalement dans les avertissements, préfaces et introductions: la nature des rapports entre philosophie académique et philosophie populaire. Même la nature imposant que nous ne puissions pas nous consacrer entièrement aux études sans en souffrir et en tomber malade, Hume soutient que nous devons insister sur la recherche de la vérité, aussi difficile que soit cette recherche. Ainsi, vouloir être un homme au milieu de toute notre philosophie est une nécessité et non un précepte moral. Contre l'image du sceptique Hume, défendue par de nombreux spécialistes de cette philosophie, je défends, dans cet ouvrage, l'idée que la notion prédominante n'est pas que la philosophie propre à l'humanité réside dans un équilibre entre philosophie abstruse et philosophie facile, mais que, malgré les avantages de la philosophie facile, la vérité ne peut être trouvée que dans la philosophie absconse. Ainsi, il y a une prédominance de la philosophie absconse sur la facilité, soulignant la plus grande importance que ce type de philosophie a pour le philosophe écossais. A cette fin, des textes de différentes périodes de la vie du philosophe sont abordés: Une sorte d'histoire de ma vie ou Lettre à un médecin (1734), l'introduction du Livre I du Traité de la nature humaine (1739), ainsi que la avertissement, les premières pages du Livre III et la préface du Synopsis (1740), ainsi que l'essai intitulé *On Writing Essays* (1742), Section I of the *Inquiry Concerning Human Understanding* (1748) et l'essai intitulé *On Commerce* (1752).

Mots-clés: Philosophie abstruse. Philosophie morale. Métaphysique.

“Be a philosopher; but amidst all your philosophy, be still a man”²

1 INTRODUÇÃO

A interpretação da filosofia de David Hume (1711-1776) não é fácil³. A ideia de conciliar a necessidade de um raciocínio abstruso com o conselho de que o filósofo ainda deveria ser um homem “... em meio a toda sua filosofia” (E

² “Seja um filósofo; mas, em meio a toda sua filosofia, seja ainda um homem” (E 1.6, SBN 8-9).

³ Este é um achado comum entre os comentadores. Para Ainslie, “Hume é um filósofo ambivalente” (2015, p. 1). Garret (2005, p. XXV), por sua vez, lembra, na sua introdução para a obra *A filosofia de David Hume* de Norman Kemp Smith, que os escritos filosóficos de Hume parecem ser localmente claros, mas globalmente obscuros. O próprio Garret (1997, p. 3) dedica seu livro *Cognição e comprometimento na filosofia de Hume* para solucionar “uma série de quebra-cabeças interpretativos” relativos à filosofia de Hume. Isso para dar alguns exemplos.

1.6, SBN 8-9) pode induzir o leitor desavisado a ignorar a aparente contradição que tais ideias possuem. A defesa de Hume em favor dos raciocínios abstrusos - desde que não sejam falsos - por um lado, e o estado de alerta da natureza, o alerta com o qual Hume supostamente concordou, isto é, de que não podemos esquecer de sermos homens no meio da nossa filosofia, provavelmente nos conduz à posições distintas. O título deste trabalho nos orienta diretamente às afirmações de Hume que representam uma defesa explícita da necessidade de um raciocínio abstruso para a busca e o estabelecimento do conhecimento, e a epígrafe, de modo bem diferente, nos leva a considerar essas afirmações de Hume mostrando o quanto uma vida dedicada aos livros e à erudição podem ser prejudiciais à saúde perfeita de uma pessoa e que, portanto, não deveríamos nos dedicar à busca do conhecimento com tal assiduidade. Nesse sentido, pode-se dizer que, enquanto o título nos prepara para uma defesa de uma vida dedicada ao estudo sério, lugar do conhecimento da verdade, a epígrafe enfatiza a pertinência de uma vida fora da filosofia e das ciências em geral, mantendo uma boa distância delas. Sustento, neste artigo, que o mal necessário a Hume não é ter de lidar precisamente com o raciocínio abstruso, mas com o fato de sermos obrigados pela natureza a limitar essa inclinação à vida intelectual em favor de outras inclinações relacionadas à vida ativa e social. Mesmo se o caráter mais apropriado fosse uma mistura de inclinações racionais, ativas e sociais, com nenhuma delas superando as outras, como aponta Hume na Seção I da *Investigação sobre o entendimento humano*, o maior esforço de nosso filósofo na seção mencionada e em outros (mas não todos) textos, que veremos na continuação, consistiria em defender a filosofia abstrusa ou metafísica, que lida com raciocínios obscuros ou argumentos que seriam indispensáveis ou inevitáveis, e não a filosofia fácil, apesar dos elogios dados a ela em alguns momentos e das críticas feitas à abstração de raciocínios e argumentos.

Ernest Mossner, autor de uma das mais importantes biografias sobre Hume, coloca a frase que serve como epígrafe do nosso artigo como epígrafe de seu famoso livro *A Vida de David Hume*, certamente indicando a maior proeminência que ele dá ao homem que foi Hume em vez de suas teses filosóficas. Além disso, essa frase é muito citada pelos estudiosos dessa filosofia, quase na mesma medida em que é pouco explicitada, e somos levados a acreditar que Hume, seu autor, é totalmente a favor do que é dito ali. Mas o leitor atento perceberá que é a natureza que nos exige, segundo nosso filósofo, uma vida não inteiramente dedicada aos estudos. No entanto, existem elementos suficientes no próprio texto que nos fazem pensar que, se dependesse do desejo de Hume, ele se dedicaria à filosofia experimental pelo tempo necessário. Se não o fazia o tempo todo, era devido ao esgotamento físico e mental que essa

dedicação aos livros e ao pensamento lhe causava e não porque era seu desejo dedicar-se a outras atividades. Tanto que, mesmo quando a investigação filosófica o esgotou, seu anseio pela verdade sempre o trazia de volta a ela.

Na verdade, o intérprete de Hume pode enfatizar um ponto ou outro da questão. Ou seja, ele pode enfatizar tanto a defesa da necessidade de argumentos abstrusos na descoberta da verdade como enfatizar o oposto disso, ou seja, a necessidade de viver a vida cotidiana, estar no mundo dos negócios, lidar com atividades manuais que visam resultados imediatos e são esquecidos logo após serem resolvidos. Da mesma forma que podemos interpretar Hume como um crítico do solipsismo cartesiano, podemos vê-lo como defensor de algum tipo de fuga metafísica. Mas ambos os pontos de vista não se combinam totalmente, pois é difícil ou quase impossível harmonizar os voos metafísicos com uma vida dedicada ao comércio ou a expedições militares, por exemplo.

Nosso objetivo neste artigo é enfatizar o primeiro desses pontos. Para tanto, abordaremos os textos em que o problema que envolve o raciocínio abstruso é abordado com atenção pormenorizada e onde Hume apresenta seu projeto filosófico, quando ele prepara o leitor para as explicações que estão por vir em seus textos. Nesse sentido, *Um tipo de história da minha vida* ou a *Carta a um médico* (1734), a introdução do Livro I do *Tratado da natureza humana* (1739), bem como a advertência, as páginas iniciais do Livro III e o prefácio da *Sinopse* (1740) são objetos de nossa investigação, bem como o ensaio intitulado *Sobre escrever ensaios* (1742), a seção I da *Investigação sobre o entendimento humano* (1748)⁴ e o ensaio intitulado *Do comércio* (1752).

2 NOTAÇÕES EM CARTA A UM MEDICO

A ideia que nos faz oscilar entre modos de vida diferentes, mas inevitáveis, é uma preocupação constante do nosso filósofo. Não aparece apenas na seção I da *Investigação*, texto que inclui nossa epígrafe. Algumas das teses defendidas por Hume nessa seção provavelmente resultam de uma trajetória iniciada muito antes, mais precisamente, em uma carta escrita na

⁴ Doravante *Investigação*.

primavera de 1734 dirigida a um médico desconhecido⁵ e que se tornou conhecida como *Carta a um médico* ou como *Um tipo de história da minha vida*.

É nesta carta, pelo menos em termos documentais, que vemos Hume defendendo pela primeira vez a necessidade de persistir em estudos abstrusos na busca das verdades mais profundas, uma vez que “todos aqueles que estão familiarizados com os filósofos e críticos, sabem que não há nada ainda estabelecido nessas duas ciências [filosofia e crítica], e que elas contêm pouco mais que intermináveis disputas, mesmo nos artigos mais fundamentais” (Hume, 1993, p. 346). Ao mesmo tempo em que também ouvimos dele pela primeira vez a necessidade de abandonar a filosofia em um momento ou outro para não sucumbir às doenças que tal dedicação à vida intelectual acarreta, diz Hume (1993, p. 349-350) :

Descobri que, como há duas coisas muito ruins para uma pessoa, estudo e ociosidade, há duas coisas muito boas, negócios e diversão; e que todo o meu tempo foi gasto entre as ruins, com pouca ou nenhuma participação nas boas. Por esse motivo, decidi buscar uma vida mais ativa. Não deixei minhas pretensões eruditas, mas, com meu último suspiro, deixei-as de lado por algum tempo, para que acabasse por recuperá-las.

É possível verificar o desespero de um jovem que sofre as consequências físicas e mentais de sua dedicação à vida intelectual e que vive o dilema de querer continuar estudando e, ao mesmo tempo, não deseja ficar doente. No início do problema e no início dos primeiros sintomas da doença, Hume pensava que era simplesmente “preguiça de temperamento” (Hume, 1993, p. 346), cuja solução seria obtida redobrando sua aplicação aos estudos, mas depois de “nove meses” (Hume, 1993, p. 346), “muito desconfortável” (Hume, 1993, p. 346) consigo mesmo, embora não pior, Hume novamente sofreu fisicamente e mentalmente as consequências de seu compromisso intelectual.

É sabido pela carta que Hume não parece aceitar o diagnóstico dado por um dos médicos que ele consultou, que ele sofria da doença dos estudiosos. Referindo-se ao médico, Hume diz: “Disto ele encontrou grande dificuldade em me convencer, não encontrando em mim nada daquele desânimo, da qual tanto reclamam aqueles que trabalham sob aquela doença” (Hume, 1993, p. 347). Ocorre que Hume considera seus males, físicos e mentais, distintos dos sintomas que remetem à doença do erudito, tanto quanto diferem para ele depressão (*vapours*) e loucura

⁵ Conforme Donald C. Ainslie (2015, p. 3), “o destinatário é uma questão de debate, com Burton e mais recentemente John Wright sugerindo George Cheyne, enquanto Ernest Mossner defende que seja o membro do clube *Scriblerus* John Arbuthnot”.

(*madness*). Se Hume realmente concordasse com a ideia de estar sofrendo dessa doença, não haveria razão para ele escrever anonimamente para um “médico inteligente, um homem de letras, bom senso e grande humanidade” (Hume, 1993, p. 345) para pedir conselhos. Talvez porque Hume não concordasse com o diagnóstico que escreveu uma carta pedindo ajuda. Para ele, o chá, o suco e os comprimidos anti-histéricos prescritos eram de pouca utilidade, exceto por um curto período de tempo, assim como as cavalgadas de oito a dez milhas escocesa. A verdade é que Hume não sabia naquele tempo o quanto sofria, tanto quanto tinha certeza de que era inevitável sofrer, já que era inevitável que ele também buscasse as verdades que procurava, que não foram encontradas em filosofias anteriores. Hume (1993, p. 348) diz sobre este último ponto:

Descobri que a filosofia moral que nos foi transmitida pela antiguidade foi trabalhada sob o mesmo inconveniente encontrado em sua filosofia natural, isto é, de ser inteiramente hipotética e depender mais da invenção do que da experiência, onde cada um consultou sua fantasia para erigir esquemas de virtude e felicidade, sem considerar a natureza humana, da qual todas as conclusões morais devem depender.

Hume até tentou, provavelmente influenciado pelo novo estoicismo de Shaftesbury⁶, seguir as máximas filosóficas, como fizeram os discípulos das escolas da antiguidade. Mas isso apenas piorou seu precário estado físico e mental. Hume (1993, p. 346-347) diz:

(...) tendo lido muitos livros de moralidade, como os de Cícero, Sêneca e Plutarco, e tendo recebido suas belas representações de virtude e sabedoria, eu tentei realizar a melhoria do meu temperamento e vontade, juntamente com a minha razão e entendimento. Eu estava continuamente me fortalecendo com reflexões contra a morte, a nobreza, a vergonha e a dor, e todas as outras calamidades da vida. Estas reflexões, sem dúvida, são extremamente úteis, quando se juntam a uma vida ativa (...), mas, na solidão, elas servem apenas para desperdiçar o ânimo, pois se perdem no ar, mesmo não havendo nenhuma resistência da mente, como quando o nosso braço se perde quando ele erra seu alvo. Isto, no entanto, eu aprendi da experiência, mas, até que eu já tivesse estragado a minha saúde, eu não havia me dado conta disso.

Hume, então, diante de seu desapontamento com as filosofias morais, de que elas não fornecem as respostas certas para seus dilemas, resolve fazer de seu estudo “a fonte da qual derivariam toda verdade em crítica e moralidade” (Hume, 1993, p. 348). A excessiva dedicação à investigação filosófica e a dificuldade de encontrar a verdade nessas questões, no entanto, sempre traziam de volta a doença. Diz Hume (1993, p. 349): “descobri que não era capaz de

⁶ Cf. Harris (2015, p. 38-51).

seguir qualquer linha de raciocínio, a não ser por interrupções repetidas, com um intervalo de visão continuado e distraíndo meu olho de tempo em tempo sobre outros objetos”. Isso fez com que ele desistisse certa vez:

(...) tendo recomendação para um comerciante considerável em Bristol, eu estou correndo agora para lá, com uma vontade de esquecer de mim mesmo, e tudo que passou, para me envolver o máximo possível nesta vida, e para eu me jogar no mundo, de um polo para o outro, até que eu possa deixar essa doença para trás (Hume, 1993, p. 350).

O amor à filosofia ou à curiosidade, isto é, às verdadeiras inclinações naturais de Hume, faz com que ele busque ajuda - ou simplesmente pense em buscar - mais uma vez. Não sabemos se Hume enviou a carta ao médico ou se recebeu uma resposta caso a tenha enviado⁷. O fato é que nosso filósofo estava cheio de dúvidas sobre a direção que ele deveria tomar para ser uma pessoa realizada. Tanto que Hume termina a carta fazendo uma série de perguntas. Essas perguntas são bastante representativas do seu desespero interior.

As perguntas que eu humildemente proporia a você são: se entre todos os estudiosos com quem você já esteve familiarizado, você já conheceu alguém afetado dessa maneira? Se eu posso esperar por uma recuperação? Eu deveria esperar por isso? Se a minha recuperação será sempre perfeita e se os meus espíritos recuperam a sua velha fonte e vigor, de modo a resistir ao cansaço do pensamento profundo e abstruso? Se eu tomei o caminho certo para me recuperar? Acredito que todos os medicamentos apropriados foram usados e, portanto, não é necessário mencionar nenhum deles (Hume, 1993, p. 350).

O que sabemos depois disso é que Hume dedicou toda a sua vida a alternar longos períodos dedicados à vida intelectual, estudando e escrevendo livros, com muitos outros para a vida social, assumindo cargos políticos ou serviços burocráticos. Procurou equilibrar, tão naturalmente quanto possível, as características da natureza humana da racionalidade, ação e sociabilidade, ou foi simplesmente motivado a fazê-lo pela doença psíquica e fisiológica de que sofria. O fato é que Hume vivia constantemente esse dilema de escolher entre uma vida ativa e social e uma vida intelectual e isolada. O que era valioso para Descartes (1596-1650), por exemplo, que se alegrava com seus próprios pensamentos e que costumava ficar trancado em uma sala aquecida pelo fogo⁸ (Descartes, 2010, p. 70), para descobrir o fundamento último de

⁷ Cf. Harris (2015, p. 37): “A carta existe apenas em forma de rascunho, e não há provas de que ela foi realmente enviada”.

⁸ “*je demeurais tout le jour enfermé seul dans un poêle*” (Descartes, 1897, 11-12). Cf. “*I remained the whole day shut up alone in a stove-reated room*” (Descartes, 1911, p. 87).

todo conhecimento certo e seguro, era, para Hume, a imagem representativa do filósofo que ele buscou a vida inteira combater ou superar.

3 A DEFESA DO RACIOCÍNIO ABSTRUSO NA INTRODUÇÃO DO *TRATADO DA NATUREZA HUMANA*.

3.1 A situação vergonhosa da filosofia e das ciências.

Na introdução do *Tratado da natureza humana*⁹, obra publicada em 1739, Hume diz que é usual e natural que filósofos e cientistas, ao pretenderem “descobrir qualquer coisa nova para o mundo em filosofia e ciências” (T 0.1, SBN xiii), insinuem eles mesmos “os méritos de seus próprios sistemas, denunciando todos aqueles que foram prósperos antes deles” (T 0.1, SBN xiii). No entanto, diz Hume, se eles se contentassem em simplesmente reconhecer a ignorância “sob a qual nós ainda estamos submetidos, em relação às questões mais importantes que passam pelo tribunal da razão humana, poucos seriam aqueles (...) que não concordariam prontamente com eles” (T 0.1, SBN xiii). Ademais, mesmo para alguém que esteja aprendendo a ajuizar¹⁰ sobre tais assuntos, ele é capaz de perceber facilmente “a fraca fundação desses sistemas, os quais têm obtido grande crédito e transportado suas elevadas pretensões por meio de raciocínios acurados e profundos”, pois os princípios que os erigem são tomados da fé, “assumidos por confiança” (T 0.1, SBN xiii), e as consequências são “lamentavelmente deduzidas dela”, de modo que há “falta de coerência nas partes e de evidência no todo” (T 0.1, SBN xiii). Ora, essas características, diz Hume, “estão por toda parte nos sistemas dos mais eminentes filósofos e isso parece envergonhar a própria filosofia” (T 0.1, SBN xiii).

No que diz respeito aos cientistas, a vitória de um sobre o outro não é alcançada pelo melhor argumento ou pelas melhores razões, mas pelo poder da palavra, como se, em uma situação de guerra, a vitória não fosse alcançada “pelos combatentes, que manejam a lança e a espada, mas pelos corneteiros, tamborileiros e músicos do exército”. Para Hume (T 0.2, SBN xiii-iv):

⁹ Doravante, *Tratado*.

¹⁰ “... one of judgment and learning”.

Não há nada que não seja objeto de debate e em que os homens de instrução não sejam de opinião contrária. A questão mais trivial não escapa à nossa controvérsia e, o mais importante, não podemos tomar uma decisão como certa. As disputas são multiplicadas, como se tudo fosse incerto; e essas disputas são administradas acaloradamente, como se tudo fosse certo. Em meio a toda essa agitação, não é a razão que leva o prêmio, mas a eloquência.

Até a ralé (*rabble*), a qual é alheia a “toda essa agitação” (T 0.3, SBN xiv-v), percebe, “a julgar pelo barulho e pelo clamor” (T 0.3, SBN xiv-v) que ouve, que nem tudo está bem neste ambiente e, por esse motivo, tende a desconfiar dos raciocínios abstrusos usados por filósofos e cientistas em suas atividades. É daí que surge, para o nosso filósofo, “o preconceito comum contra os raciocínios metafísicos de todos os tipos, mesmo entre aqueles que se professam eruditos e têm um valor justo para todas as outras partes da literatura” (T 0.3, SBN xiv-v), pois “por raciocínios metafísicos, eles não entendem aqueles sobre qualquer ramo específico da ciência, mas todo tipo de argumento, que é de qualquer forma abstruso e requer alguma atenção para que seja compreendido” (T 0.3, SBN xiv-v).

É, claro, um viés que deve ser superado, pois, para Hume, “apenas o ceticismo mais determinado, juntamente com um grande grau de indolência, pode justificar essa aversão à metafísica” (T 0.3, SBN xiv-v). O caso é que a verdade, se o ser humano é capaz de alcançá-la, “deve ser muito profunda e obscura; e esperar que cheguemos a ela sem esforço, enquanto os maiores gênios falharam nesse sentido, deve-se certamente ser estimado como suficientemente vaidoso e presunçoso” (T 0.3, SBN xiv-v). Hume diz ainda que, se sua própria filosofia não exigisse esforço e atenção para ser compreendida, isso seria motivo suficiente para suspeitar dela. Ou seja, o problema, portanto, não está necessariamente nos raciocínios ou argumentos obscuros, mas no método de investigação. O conhecimento não pode ser baseado somente na confiança, nem pertence àquele que faz mais barulho. Precisamos começar e retornar à base correta: a experiência.

3.2 A experiência como fundamento do conhecimento.

A experiência é a base de todo conhecimento filosófico e científico. Qualquer afirmação que procure explicar efeitos através de causas que transcendem nossa capacidade de experimentação e observação tende a ser falsa. Além disso, através da experiência, não é possível revelar as qualidades originais e últimas da natureza, precisamente porque não temos

experiência dessas qualidades originais e últimas. De fato, não teríamos o desejo de conhecer os princípios originais e últimos se soubéssemos de antemão que tal conhecimento é impossível para nós e se isso é feito, como os metafísicos costumam fazer, é porque os verdadeiros limites do entendimento humano são desconhecidos. Mas, mesmo na posse de princípios gerais, resultantes da observação e experimentação, o que resulta desses princípios só pode ser validado pela experiência. Portanto, não se deixa o escopo do experiencial. Sabendo disso, desta limitação, pelo menos, evita-se certos voos e nos impede de muitos enganos baseados em ideias sem referência ao que o ser humano é capaz de experimentar coletivamente¹¹.

Hume não propõe que a filosofia que o leitor encontrará no Livro I do *Tratado* será mais verdadeira do que a de seus predecessores ou contemporâneos, mas simplesmente que o caminho da verdade certa sobre os fenômenos humanos, especialmente sobre a moralidade humana, é indicado pela experiência. Assim, não se limitará às ideias do proponente, suas crenças e seus pontos de vista, mas ele mesmo será um mero contribuinte para o desenvolvimento da ciência do homem, que não pertence nem a ele nem a ninguém em particular. A verdade não pertence ao filósofo solipsista ou ao erudito de gabinete, nem ao metafísico que dispensa a observação e o empírico, mas pertence, sempre que possível, à coletividade de sujeitos que aplicam o método experimental na constituição de princípios gerais e que, a partir desses princípios, elabora leis explicativas, as quais, por sua vez, explicam os fenômenos. Hume quer remover a filosofia da prisão da mente do solipsista, bem como remover dela as explicações redundantes produzidas pelo uso exclusivo de definições. A filosofia que Hume defende tem a ver com a prática coletiva de uma ciência objetiva, que constrói evidências por meio de fatos concretos e que se baseiam na observação e na experimentação. Embora não se orgulhe do estado da filosofia e da ciência em geral, Hume entende que a única maneira de as melhorar é através do desenvolvimento do raciocínio metafísico, especificamente aquele que é marcado pelo método experimental.

Na investigação da moralidade, quer-se olhar para a vida cotidiana e observar a maneira como homens e mulheres se comportam no mundo e o modo como constituem a moralidade, contando com todos os elementos possíveis a serem observados e analisados nesse sentido. A objetividade desses estudos não depende do empreendimento de uma única cabeça, mas pode

¹¹ Estou me referindo à experiência coletiva, precisamente porque um indivíduo, no contexto de sua experiência particular, pode imaginar uma série de experiências sem realmente tê-las experimentado, o que não está muito de acordo com o que Hume espera quando coloca a experiência como fundação para todo o conhecimento humano. Além disso, você pode mentir sobre suas experiências para defender as teses mais absurdas, mas dificilmente haverá um consenso eterno sobre uma mentira, especialmente enquanto houver homens que busquem a verdade.

muito bem ser construída coletivamente. Desta forma, pode-se realmente avançar e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento e melhoria da humanidade. Portanto, Hume não quer impor uma filosofia, mas demonstrar a força de um método, de modo que toda teoria tem seus princípios fundamentados nele.

3.3 A filosofia da mente como pré-requisito para a ciência do homem.

É porque todas as ciências e outros conhecimentos dependem da ciência do homem que Hume deduz a necessidade do estudo da mente precedendo e fundamentando esses outros conhecimentos. É somente a partir da compreensão da mente humana que o homem será capaz de avançar nas ciências e também moralmente. Pois é compreendendo certos aspectos do funcionamento da mente, não necessariamente os aspectos fisiológicos dela, mas a maneira como as ideias surgem e como elas se associam, por exemplo, ou como as paixões humanas reais ocorrem, que se torna possível estabelecer uma ciência moral de forma eficaz. Hume (T 0.8, SBN xvii) diz:

Pois para mim parece evidente que, sendo a essência da mente igualmente desconhecida para nós com a dos corpos externos, deve ser igualmente impossível formar qualquer noção de seus poderes e qualidades, senão por meio de experiências cuidadosas e exatas e a observação daqueles efeitos particulares que resultam de suas diferentes circunstâncias e situações. E, embora devamos nos esforçar para tornar todos os nossos princípios tanto universais quanto possíveis, rastreando nossos experimentos ao máximo e explicando todos os efeitos das causas mais simples e mínimas, ainda estamos certos de que não podemos ir além da experiência; e qualquer hipótese que pretenda descobrir as qualidades originais últimas da natureza humana deve, a princípio, ser rejeitada como presunçosa e quimérica.

Hume propõe provocar, a partir de sua contribuição e de seu método de investigação, uma revolução nas bases da investigação científica e no modo de pensar filosófico. Se há algum sinal de ceticismo na introdução do *Tratado*, diz respeito principalmente a essa incapacidade do homem de conhecer as causas últimas. Mas essa acusação, de acordo com Hume, pode ser associada tanto ao seu sistema filosófico quanto a qualquer outro. Isso também se aplica a todas as ciências. Hume entende que o que está além das fronteiras da experiência humana também está além da capacidade humana de conhecer. Isso não quer dizer que é impossível conhecer e avançar em termos de aprimoramento filosófico, científico e moral. Assim, pelo menos na introdução do *Tratado*, Hume demonstra confiança suficiente na capacidade da filosofia e da ciência para avançar e superar o estado lamentável em que se encontram. Esse avanço é baseado

no uso do método experimental de raciocínio e na elaboração de princípios explicativos gerais. É assim que o conhecimento avança.

3.4 Da advertência do Livro III do *Tratado*.

Na advertência que antecede o livro III do *Tratado*, o qual foi publicado após o suposto fracasso dos livros I e II em novembro de 1740, Hume diminuiu seu anseio e seu encargo para que os leitores entendessem a necessidade de lidar com um raciocínio abstruso. Ele adverte que o leitor pode tratar o Livro III como independente dos dois anteriores, pois este livro não exige que o leitor entre “em todos os raciocínios abstratos nele contidos” (Ad1740 1, SBN 454/5). Além disso, Hume diz que está “esperançoso de que possa ser entendido por leitores comuns com tão pouca atenção quanto geralmente é dado a qualquer livro de raciocínio” (Ad1740 1, SBN 454/5).

Uma nota interessante, já que Hume parece reconhecer a difícil luta que consiste em convencer as pessoas comuns da necessidade de elas terem que lidar com raciocínios difíceis na busca das verdades mais profundas sobre o mundo; e também dele, indiretamente, queixando-se da “tão pouca atenção que é dada a qualquer livro de raciocínio”.

3.5 Do Livro III do *Tratado*.

No início do Livro III do *Tratado*, Hume volta a defender o sistema filosófico exposto nos Livros I e II e confessa ter a esperança de que a investigação acerca da moral, que esse livro iniciava, daria nova força ao seu sistema, apesar de ele implicar ainda certo nível de abstração, cuja implicação Hume lamenta.

Há uma inconveniência que resulta de todo raciocínio abstruso: ele pode silenciar um antagonista sem convencê-lo, pois, para nos fazer sensíveis a sua força, ele requer o mesmo estudo intenso que foi o primeiro requisito para a sua invenção. Quando deixamos a nossa salinha de estudos e nos envolvemos nos assuntos comuns da vida, suas conclusões parecem ter desaparecido, como os fantasmas da noite no aparecimento da manhã; e é difícil para nós reter mesmo essa convicção, que havíamos atingido com dificuldade. Isto é ainda mais visível em uma longa cadeia de raciocínios, onde devemos preservar até o fim a evidência das primeiras proposições, e onde muitas vezes perdemos de vista todas as máximas mais aceitas, seja da filosofia ou da vida comum. O que nos afeta, concluímos, nunca pode ser uma quimera; e como nossa paixão está engajada de um lado ou de outro, nós naturalmente pensamos que a questão está dentro da compreensão humana, que em outros casos desta natureza estamos aptos a ter alguma dúvida. Sem essa vantagem eu nunca deveria ter me aventurado em um terceiro volume de tal filosofia abstrusa, em uma época em que a

maior parte dos homens parece concordar em converter a leitura em um divertimento e a rejeitar tudo que requer um considerável grau de atenção para ser compreendido (T 3.1.1.1, SBN 455-6).

Mas o que de fato Hume lamenta aqui é a rejeição ao estudo sério em prol de uma leitura que visa o divertimento. Além disso, é preciso evitar perder de vista “todas as máximas mais bem estabelecidas da filosofia ou da vida corrente” (T 3.1.1.1, SBN 455-6). Ou seja, há um ponto em que devemos evitar seguir adiante e outro em que devemos esperar: devemos esperar ter que lidar com raciocínios abstrusos e devemos evitar as máximas que não encontram ancoragem na experiência, sejam elas máximas da vida corrente ou aquelas estabelecidas pelos filósofos. Se, de um lado, a filosofia, quando ela é apartada da vida comum e das discussões populares, é prejudicial para o filósofo como indivíduo e também para a sua própria filosofia, de outro, a abstração é uma necessidade, assim como é uma necessidade o refinamento da cultura popular.

3.6 Do prefácio da sinopse do *Tratado*.

Em março de 1740, numa tentativa de divulgar o *Tratado*, Hume publicou anonimamente um resumo desse trabalho, referindo-se a ele como se tivesse sido escrito por outra pessoa. Aqui, suas “intenções são tornar um trabalho maior mais inteligível para as capacidades comuns, encurtando-o” (A i, SBN 643). Hume (A i, SBN 643) diz:

No entanto, é certo que aqueles que não estão acostumados ao raciocínio abstrato estão propensos a perder a linha de argumentação, quando ela é extensa e cada parte fortalecida com todos os argumentos, assim como guardada contra todas as objeções e ilustrada com todas as opiniões que ocorrem para um escritor na pesquisa diligente de seu assunto. Tais Leitores apreenderão mais prontamente uma linha de raciocínio que é mais simples e mais concisa, na qual as proposições principais estão unicamente ligadas umas às outras, ilustradas por alguns exemplos simples e confirmadas por alguns dos argumentos mais convincentes. As partes mais próximas podem ser comparadas melhor e a conexão pode ser mais facilmente traçada desde os primeiros princípios até a última conclusão.

É claro que o problema para Hume neste ponto não está necessariamente relacionado aos raciocínios abstrusos contidos em um sistema filosófico, mas ao despreparo ou falta de costume dos leitores em lidar com esse tipo de raciocínio. Hume tem certeza de que todas as partes de seu sistema foram “reforçadas com todos os argumentos, guardadas contra todas as

objeções e ilustradas com todas as opiniões que ocorrem a um escritor na diligente busca de seu assunto” (A i, SBN 643).

O trabalho do qual eu aqui apresento ao leitor um resumo, tem sido acusado de obscuro e difícil de ser compreendido, e estou inclinado a pensar que isso procedia tanto do tamanho quanto da abstração do argumento. Se remediei esse inconveniente em qualquer grau, alcancei meu fim (A ii, SBN 643-4).

Mas, para remediar a inconveniência da abstração de certos raciocínios para facilitar a vida do leitor, Hume, na sinopse, recomenda tanto o sistema filosófico que ele apresentou nos Livros I e II do *Tratado* quanto o raciocínio desenvolvido nele. Afinal, é necessário embarcar nos caminhos da filosofia difícil, se a intenção de todos é conhecer a verdade.

O livro me pareceu ter um ar de singularidade e novidade tal para reivindicar a atenção do público; especialmente se for descoberto, como o autor parece insinuar, que a sua filosofia foi acolhida, devemos alterar desde a fundação a maior parte das ciências. Tais tentativas corajosas são sempre vantajosas na república das letras, porque elas se livram do jugo da autoridade, acostumam os homens a pensar por si mesmos, dão novas pistas, que os homens de gênio podem levar adiante e, pela própria oposição, ilustram pontos que ninguém suspeitou de qualquer dificuldade antes (A ii, SBN 643-4).

Hume lamenta não poder “*apelar ao povo*” (A iii, SBN 644), que “em todas as questões de razão e eloquência comuns, é considerado um tribunal tão infalível” (A iii, SBN 644). Então, ele gostaria de ter pelo menos a compreensão dos intelectuais, seus pares. Nesse caso, diz Hume, “o autor deve se contentar em esperar pacientemente por algum tempo antes que o mundo educado possa concordar com seus sentimentos sobre seu desempenho” (A iii, SBN 644).

Isso demonstra o quanto Hume quer que a filosofia vá além das paredes das universidades e dos conventos e se torne uma questão de conversação popular. Mas não é só isso. Como já observamos, Hume estava ciente desde o início de que seu trabalho poderia não ser bem aceito por seus colegas, que já eram considerados por ele como pessoas zelosas de seus próprios sistemas filosóficos. De fato, Hume não deixa de aproveitar a oportunidade para atacá-los novamente, assim como fez na introdução do *Tratado*. Referindo-se, portanto, ao seu próprio sistema filosófico, Hume (A iii, SBN 644) afirma que, infelizmente, ele acaba sendo ...

(...) julgado por poucos, cujo veredicto é mais apto a ser corrompido pela parcialidade e pelo preconceito, especialmente porque ninguém é um juiz apropriado nesses assuntos, pois nem sempre pensa neles; e esses poucos são capazes de formar para si

próprios sistemas próprios, que eles resolvem não renunciar. Espero que o autor me desculpe por interferir nesse caso, já que meu objetivo é apenas aumentar a sua audiência, eliminando algumas dificuldades, que impediram muitos de apreender seu significado.

4 Sobre escrever ensaios.

“Sobre escrever ensaios” é o primeiro ensaio que compõe o segundo volume da edição de 1742 dos *Ensaio Morais e Políticos*. Nele, Hume faz uma distinção entre as pessoas envolvidas nas operações da mente e aquelas que estão simplesmente imersas na vida animal. No que diz respeito à primeira, a “parte elegante da humanidade” (EW 1, Mil 533-4), Hume faz uma segunda distinção: há aqueles que estão mais inclinados ao isolamento e estudo profundo de objetos não tão comuns, chamados por Hume de eruditos, e aqueles que são inclinados à socialização e que têm grande prazer em falar sobre diferentes assuntos relacionados ao cotidiano, chamados conversáveis (EW 1, Mil 533-4). Eles são mundos idênticos em um ponto, mas distintos nos outros, ambos os quais diferem do mundo imerso na vida animal. Os dois mundos que interessam a Hume estão relacionados, portanto, às operações da mente. Assim, quando Hume se refere à vida cotidiana aqui, ele se refere apenas àquele grupo de pessoas que, peritas ou não, operam o raciocínio e têm ideias sobre os assuntos mais obscuros e abstratos possíveis ou preferem falar sobre temas comuns e se prestam a compartilhar seus pensamentos com facilidade. O resto do povo, como vimos, está imerso na vida animal.

A partir desta diferenciação, Hume primeiro descreve o perfil dos eruditos, como sendo aqueles que “escolheram como sua porção as mais altas e mais difíceis operações da mente, que requerem ociosidade e solidão, e que não podem ser trazidas para perfeição sem longa preparação e trabalho severo” (EW 1, Mil 533-4). Em segundo lugar, o filósofo escocês define os conversadores como sendo aqueles que apresentam ...

(...) uma inclinação para os mais gentis e suaves exercícios do entendimento, para as óbvias reflexões sobre negócios e deveres da vida ordinária, e para a observação dos defeitos ou perfeições dos objetos particulares que os cercam. Tais questões de pensamento não fornecem emprego suficiente na solidão, mas requerem a companhia e a conversação de nossos semelhantes para torná-los um exercício apropriado para a mente: e isso une a humanidade em uma sociedade, onde cada um exibe seus pensamentos e observações da melhor maneira que é capaz, dando e recebendo informação assim como prazer (EW 1, Mil 533-4).

Ambos os mundos têm características específicas, diametralmente opostas, onde as qualidades de um são propriamente os defeitos do outro. Essa separação, que “parece ter sido o grande defeito da época passada” (EW 2, Mil 534), “teve uma influência muito ruim sobre os livros e as companhias” (EW 2, Mil 534), já que o discurso daqueles que estão ligados ao mundo das conversas era destituído do mundo dos livros. A erudição, por sua vez, não mais desfruta do prazer e da leveza que frequentemente um diálogo naturalmente proporciona. Por um lado, então, essa separação torna a conversa uma perda de tempo, uma vez que se trata de uma discussão sobre assuntos frívolos e inúteis; por outro lado, o isolamento do estudioso do mundo e boa companhia, bem como de seu confinamento em escolas e celas [conventos], é muito prejudicial a esse conhecimento. Consequentemente, “até mesmo a filosofia foi destruída por este método de estudo recluso e tornou-se tão quimérica em suas conclusões quanto ininteligível em seu estilo e forma de apresentação” (EW 4, Mil 534-5). Claro, Hume pretende combater essa situação e acredita que, se o isolamento do estudioso o remove do mundo e também o afasta da verdade sobre o mundo, o mundo da conversa, sem a aplicação de um método filosófico adequado, leva a conclusões igualmente frágeis e inúteis, não tendo relevância nenhuma.

Hume revela que está animado com seu tempo, percebendo que há uma reaproximação entre os mundos da erudição e da conversação, a ponto de chamar a si mesmo de “embaixador dos domínios da erudição para os domínios da conversação” (EW 5, Mil 535), considerando como seu “dever constante promover uma boa correspondência entre esses dois estados, que têm uma dependência tão grande um do outro” (EW 5, Mil 535). Assim, Hume não está dizendo que essa distância será superada, mas que é possível fazer, apesar da distância que ainda existe, uma interseção positiva. Na verdade, essa é uma interseção necessária, caso contrário, retorna o estado de preconceito, tanto para livros quanto para companhias. Embora o objetivo de Hume, com os ensaios de 1742, seja “entreter o público” (EW 5, Mil 535), ele pretende fazê-lo a partir de uma elevada forma de entretenimento, associando o mundo da conversa com os melhores elementos do mundo da erudição. Hume (EW 5, Mil 535) diz:

Eu darei informações aos eruditos sobre o que quer que passe no mundo da conversação, e me esforçarei para importar para ele quaisquer mercadorias que eu encontre em meu país natal, apropriadas para seu uso e entretenimento. A balança comercial não requer inveja de ambas as partes, nem haverá qualquer dificuldade em preservá-la nos dois lados. Os materiais deste comércio devem ser principalmente

fornecidos pela conversação e vida comum: a fabricação deles somente pertence ao conhecimento¹².

Os estudiosos, a filosofia e as ciências devem se ater aos objetos da vida comum à medida que avançam em termos de conhecimento, assim como a vida comum deve se alimentar dos avanços científicos e filosóficos feitos pelos eruditos. O conhecimento que não leva em conta a experiência das pessoas em suas vidas diárias não terá sucesso. O mesmo ocorrerá quando se recusar a estudar e persistir no prazer da conversa com conteúdo vazio. Segue-se que o conhecimento que importa é o produto do intercâmbio entre as ciências e a vida comum, pois o que esperar de homens “que nunca consultaram a experiência em qualquer um dos seus raciocínios, ou que nunca procuraram por aquela experiência, onde somente ela pode ser encontrada, na vida comum e na conversação?” (EW 5, Mil 534).

Em *Sobre escrever ensaios* Hume justifica o motivo de sua preferência por escrever ensaios, em vez de tratados. Em sua crítica aos estudiosos, Hume se refere aos estudiosos de gabinete e à própria filosofia. O erudito é quem se fecha e se isola de boa companhia em universidades/faculdades e celas/conventos. Portanto, “cada coisa do que chamamos de *Belles Lettres* tornou-se totalmente bárbara, sendo cultivada por homens sem qualquer gosto pela vida ou modos, e sem essa liberdade e facilidade de pensamento e expressão que só pode ser adquirida por conversação” (EW 5, Mil 534). A crítica é que os estudiosos, presos em seus próprios pensamentos e em total isolamento, se divertem apenas com certo tipo de raciocínio e ignoram como fonte de conhecimento a experiência coletiva.

5 DA SEÇÃO I DA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ENTENDIMENTO HUMANO.

5.1 A defesa da filosofia abstrusa.

Hume pretende, na seção I da *Investigação*, mostrar, entre outras coisas, a pertinência de buscar a verdade, mesmo que isso implique em lidar com um raciocínio abstruso. No conflito entre a filosofia fácil e a filosofia abstrusa, portanto, o maior interesse de Hume reside na segunda, embora a primeira contenha vantagens.

5.2 Ensaios sobre o entendimento humano.

¹² É novamente notado que não se trata de eliminar a distância, o que Hume parece indiretamente supor que não é possível fazê-lo. Pelo menos ele não parece pensar isso. Mas sua intenção aqui é mostrar as vantagens para os dois mundos quando há uma interseção entre eles na eliminação dos defeitos de cada um.

As seções da *Investigação* podem ser vistas como ensaios, pois foi assim que Hume pensou e publicou este trabalho em abril de 1748, intitulado *Ensaaios filosóficos sobre o entendimento humano*. Apesar de recuperar as teses principais e grande parte do argumento do *Tratado*, Hume sugere que esta publicação de ensaios, concernente ao assunto do entendimento, não corresponde propriamente a um trabalho nos moldes da peça original, precisamente porque são ensaios e não um tratado. Apenas dez anos depois desta primeira edição, Hume decide mudar o título para aquele que conhecemos hoje.

O pano de fundo da discussão desenrolada na seção I se assemelha àquele da introdução do *Tratado*. O objetivo de Hume aqui é mostrar novamente ao leitor dessa filosofia o lugar e o papel do autor como aquele estudioso que voluntariamente desmantela os vícios de sua classe em benefício tanto dos mesmos intelectuais que ele critica quanto da multidão que é estranha à vida intelectual, desta vez, esclarecendo a diferença entre a filosofia fácil e abstrusa e de que lado decorre o conhecimento.

5.3 Das espécies de filosofia moral.

Hume diz que a filosofia moral ou ciência da natureza humana pode ser tratada “de duas maneiras diferentes” (E 1.1, SBN 5-6) e que cada um “tem seu próprio mérito e pode contribuir para o entretenimento, a educação e a reforma da humanidade” (E 1.1, SBN 5-6). A divisão é feita de acordo com o conceito de homem que é levado em conta. Enquanto em uma dessas filosofias o homem é considerado primordialmente nascido para a ação, na outra ele é considerado à luz de sua natureza especificamente racional.

5.4 Da filosofia fácil.

É característico do primeiro modo de tratar a filosofia ou desta primeira classe de filósofos morais considerar o homem como “influenciado em suas avaliações pelo gosto e pelo sentimento, perseguindo um objeto e evitando outro, de acordo com o valor que esses objetos parecem possuir e de acordo com a luz em que se apresentam” (E 1.1, SBN 5-6). Além disso, “desde que a virtude, de todos os objetos, foi consentida em ser a mais valiosa, esse tipo de filósofo a pinta nas mais belas cores”. Para este fim, eles emprestam “toda a ajuda da poesia e

da eloquência, tratando seu assunto de maneira fácil e óbvia, da melhor maneira possível para agradar a imaginação e envolver afetos” (E 1.1, SBN 5-6).

São os filósofos desta classe que “selecionam as mais notáveis observações e exemplos da vida cotidiana” (E 1.1, SBN 5-6), bem como “colocam os caracteres opostos em um contraste adequado e, nos seduzindo nos caminhos da virtude pelas visões de glória e felicidade, dirigimos nossos passos nestes caminhos pelos preceitos mais sólidos e exemplos mais ilustres” (E 1.1, SBN 5-6). Desta maneira eles “nos fazem sentir a diferença entre o vício e a virtude, excitam e regulam nossos sentimentos, e assim, curvando nossos corações ao amor da probidade e verdadeira honra, acham que eles atingiram plenamente o fim de todos os seus trabalhos” (E 1.1, SBN 5-6). A filosofia fácil, portanto, “participa mais da vida cotidiana, molda o coração e as afeições e, manipulando os princípios que atuam sobre os homens, reforma sua conduta e aproxima-os do modelo de perfeição que descreve” (E 1.1, SBN 5-6).

5.5 Da filosofia abstrusa.

Os filósofos do segundo tipo de filosofia moral, ao contrário do primeiro,

consideram a natureza humana como um objeto de especulação e a examinam mediante uma investigação minuciosa, a fim de encontrar aqueles princípios que regulam nosso entendimento, excitam nossos sentimentos e nos fazem aprovar ou desaprovar qualquer objeto, ação ou comportamento em particular (E 1.2, SBN 6).

Insatisfeitos com a ineficácia dos homens no que diz respeito ao estabelecimento de fundamentos morais e criticando a maioria deles por não ser capaz de explicar tais fundamentos, uma vez que é sempre falado de “verdade e falsidade, vício e virtude, beleza e deformidade, sem poder para determinar a fonte dessas distinções” (E 1.2, SBN 6), tais filósofos,

(...) enquanto tentam esta tarefa árdua, não são dissuadidos por nenhuma dificuldade; mas, partindo de instâncias particulares para princípios gerais, eles ainda insistem em suas indagações e não ficam satisfeitos até que atinjam os princípios originais pelos quais, em toda a ciência, toda a curiosidade humana deve ser delimitada (E 1.2, SBN 6).

Contudo, eles visam a aprovação de seus pares, “embora suas especulações pareçam abstratas e até ininteligíveis para os leitores comuns” (E 1.2, SBN 6), assim como eles se consideram “suficientemente compensados pelo trabalho de toda a sua vida se puderem

descobrir algumas verdades ocultas que podem contribuir para a educação da posteridade” (E 1.2, SBN 6).

5.6 Entre a filosofia fácil e abstrusa.

Embora Hume use uma terminologia ligeiramente diferente nesta seção, referindo-se agora, por exemplo, a uma diferenciação entre uma filosofia “fácil e óbvia” (E 1.3, SBN 6-7) e outra “precisa e abstrusa” (E 1.3, SBN 6-7), que no texto do ensaio *Sobre escrever ensaios* aparece como um mundo erudito *versus* um mundo de diálogo, mais uma vez temos aqui a presença de uma situação dicotômica onde, por um lado, temos quase a generalidade da humanidade e, por outro lado, filósofos rigorosos e abstrusos, bem como uma filosofia que “há muitos será recomendada, não apenas como a mais agradável, mas como mais útil” (E 1.3, SBN 6-7) e outra que, por sua vez, é fundada “em um modo particular de pensar, que não pode entrar em negócios e ação e desaparece quando o filósofo deixa a sombra e entra em dia aberto” (E 1.3, SBN 6-7). Sobre o abstruso filósofo, Hume também diz que seus princípios “não podem facilmente reter qualquer influência sobre nossa conduta e comportamento” (E 1.3, SBN 6-7). Assim, “os sentimentos de nosso coração, a agitação de nossas paixões, a veemência de nossas afeições, dissipam todas as suas conclusões e reduzem o filósofo profundo a um mero plebeu” (E 1.3, SBN 6-7).

Hume (E 1.4, SBN 7) supõe, então, que “é fácil para um filósofo profundo cometer um erro em seu raciocínio sutil; e um erro é o pai necessário de outro, enquanto ele empurra suas consequências e não é dissuadido a adotar qualquer conclusão por sua aparência incomum ou sua contradição à opinião popular”.

Isso é exatamente o oposto do que acontece com o filósofo “que pretende apenas representar o senso comum da humanidade em cores mais bonitas e mais atraentes” (E 1.4, SBN 7), pois “se ele cair em erro, ele não irá mais longe” (E 1.4, SBN 7), mas renovando “seu apelo” para o senso comum e os sentimentos naturais da mente, ele “retorna ao caminho certo e se protege de qualquer ilusão perigosa” (E 1.4, SBN 7) sempre que necessário.

A fama de Cícero floresce no presente, mas a de Aristóteles está totalmente caída. La Bruyere atravessa os mares e ainda mantém a sua reputação, mas a glória de Malebranche está confinada à sua própria nação e ao seu tempo. E Addison, talvez, será lido com prazer, quando Locke for totalmente esquecido (E 1.4, SBN 7).

O mero filósofo, segundo Hume (E 1.5, SBN 8), ele é “um personagem não comumente aceito no mundo, já que supostamente nada contribui para a vantagem ou prazer da sociedade, enquanto ele vive longe da comunicação com a humanidade e está envolvido em princípios e noções igualmente distantes de seu entendimento.” Mas o mero ignorante está em uma condição ainda pior: “o mero ignorante é ainda mais desprezado; nada é considerado um sinal mais seguro de um gênio insignificante em um tempo e nação onde as ciências florescem do que ser totalmente desprovido de todo prazer para aqueles nobres entretenimentos” (E 1.5, SBN 8). Para Hume (E 1.5, SBN 8), portanto,

o caráter mais perfeito deve estar entre esses extremos: o de manter uma capacidade e gosto igual para livros, empresas e negócios, preservando em conversação aquele discernimento e delicadeza que emergem das *Belles-Lettres* e nos negócios essa probidade e exatidão que são o resultado natural de uma filosofia justa.

5.7 A nossa condição natural e a apologia da metafísica.

A solução humeana para a dicotomia entre esses dois tipos diferentes de filosofias e filósofos parece residir na atenção que deve ser dada a um tipo de seleção em que os defeitos de ambos serão evitados e as vantagens cultivadas. Assim, “parece então que a natureza apontou para um tipo misto de vida como o mais apropriado para a raça humana, e secretamente os admoestou a não permitir que nenhum desses preconceitos atraísse demais para incapacitá-los para outras ocupações e entretenimentos” (E 1.6, SBN 8-9). É como se a natureza dissesse ao estudioso:

Satisfaça sua paixão pela ciência, diz ela, mas deixe sua ciência ser humana e ter uma referência direta à ação e à sociedade. Pensamento abstrato e busca profunda proibem-no, e o castigarei severamente pela melancolia pensativa que introduzem, pela infinita incerteza em que o cercam e pela recepção fria com que suas supostas descobertas encontrarão quando comunicadas. Seja um filósofo, mas no meio de toda a sua filosofia, seja ainda um homem (E 1.6, SBN 8-9).

O ser humano não pode deixar de ser o que é: racional, ativo e sociável (E 1.6, SBN 8-9); a própria natureza permite que ele seja um filósofo, mas com a condição de que ele não esqueça sua humanidade, isto é, seu corpo, seus anseios e desejos irracionais ou intuitivos, e assim por diante. Mas ele não deve esquecer isso precisamente para continuar estudando,

pesquisando e acrescentando à ciência humana princípios gerais empiricamente comprovados.

Hume diz:

Se a generalidade da humanidade se contentasse em preferir a filosofia fácil à filosofia abstrata e profunda, sem culpar ou desprezar a última, talvez não seja impróprio cumprir essa opinião geral e permitir que todo homem desfrute, sem oposição, de seu próprio gosto e sentimento. Mas, como a questão é frequentemente levada adiante, mesmo para a rejeição absoluta de todo raciocínio profundo, ou *o que é comumente chamado de metafísica*, devemos agora considerar o que pode razoavelmente ser argumentado a seu favor [itálico meu] (E 1.7, SBN 9).

Como a rejeição absoluta de todo raciocínio profundo é um equívoco, é claro que o maior interesse de Hume nesta seção não é defender precisamente o equilíbrio entre dois mundos distintos e complementares, colocando-se como intermediário, mas enfatizar a importância de raciocínios abstrusos “ou o que é comumente chamado de metafísica” (E 1.7, SBN 9). Engana-se quem despreza a filosofia, o raciocínio obscuro, o estudo, o espírito de rigor, pois eles têm muito a ajudar em todas as atividades humanas. Mesmo a filosofia acessível deve ser marcada pelos fundamentos descobertos pela filosofia mais difícil. A ideia de Hume de que a verdade está escondida e de que muito esforço é necessário para encontrá-la permanece na *Investigação*. Existe uma verdadeira metafísica que deve ser semeada pelos filósofos, em detrimento de outra que deve ser igualmente rejeitada.

Uma vantagem da filosofia abstrusa é oferecer ajuda à filosofia fácil, a qual, sem a primeira, “nunca pode atingir um grau suficiente de precisão em seus sentimentos, preceitos ou raciocínios” (E 1.8, SBN 9-10). É tão útil quanto o conhecimento da anatomia é útil para um pintor que deseja pintar formas humanas.

O anatomista apresenta ao olho os objetos mais hediondos e desagradáveis, mas sua ciência é útil para o pintor ao delinear até mesmo uma Vênus ou Helena. Enquanto este último emprega todas as cores mais ricas de sua arte e dá a suas figuras o ar mais gracioso e envolvente, ele ainda deve prestar atenção à estrutura interna do corpo humano, a posição dos músculos, o tecido dos ossos, também como o uso e a figura de cada parte ou órgão (E 1.8, SBN 9-10).

Hume diz que, mesmo que “não houvesse vantagens a serem extraídas desses estudos, a não ser a satisfação de uma inocente curiosidade” (E 1.10, SBN 11), não deve ser esquecido que eles nos permitem “acesso aos poucos prazeres seguros e inofensivos que são concedidos à raça humana” (E 1.10, SBN 11).

O modo de vida mais doce e inofensivo leva através das avenidas da ciência e da aprendizagem; e quem quer que possa remover qualquer obstáculo nessa direção, ou abrir qualquer novo prospecto, deve ser considerado um benfeitor para a humanidade. E embora essa pesquisa possa parecer dolorosa e exaustiva, o mesmo acontece com algumas mentes e alguns corpos dotados de uma saúde vigorosa e floreada: eles exigem exercícios severos e têm prazer naquilo que, para a generalidade da humanidade, pode parecer pesado e trabalhoso. A obscuridade, de fato, é dolorosa para a mente e para o olho; mas trazer a luz da obscuridade, qualquer que seja o trabalho, precisa ser algo delicioso e alegre (E 1.10, SBN 11).

5.8 A crítica verdadeiramente consistente contra a metafísica

A crítica consistente que pode ser feita da metafísica não é tanto a dor e a fadiga que provoca, mas o fato de que ela é “uma fonte inevitável de incerteza e erro” (E 1.11, SBN 11): “Aqui está”, diz Hume, “na verdade, a objeção mais justa e mais plausível contra uma parte considerável da metafísica, que não é verdadeiramente uma ciência” (E 1.11, SBN 11). Mas onde surgem esses erros e incertezas que fomentam o preconceito contra a metafísica?

surgem dos esforços infrutíferos da vaidade humana, que penetram em sujeitos totalmente inacessíveis ao entendimento, ou do ofício de superstições populares que, sendo incapazes de defender-se em um terreno justo, levantam esses ramos de amoreira para cobrir e proteger suas fraquezas. Acorrentados a céu aberto, esses ladrões voam para a floresta e espreitam para invadir todos os caminhos desprotegidos da mente para superá-la com medos e preconceitos religiosos. O antagonista mais vigoroso, se ele confiar em sua observação por um momento, fica sobrecarregado. E muitos, por covardia e loucura, abrem os portões para seus inimigos e os recebem com reverência e submissão como seus soberanos legais (E 1.11, SBN 11).

Para Hume, no entanto, isso não é razão suficiente para recusar ou abandonar a metafísica, uma vez que ela não será abandonada por aqueles que a usam mal. Neste ponto, Hume convoca a todos para a guerra: “não é apropriado tirar a conclusão oposta e perceber a necessidade de levar a guerra aos lugares mais secretos do inimigo?” (E 1.12, SBN 12-13). Isso porque “em vão esperamos que os homens, muitas vezes desapontados, finalmente abandonem essas ciências aéreas e descubram a província adequada da razão humana” (E 1.12, SBN 12-13).

Por mais que o fracasso nesse empreendimento seja mais comum do que o sucesso, Hume vê que “ainda há espaço para esperar que a indústria, a boa fortuna ou a melhoria da sagacidade das gerações sucessivas possam alcançar descobertas desconhecidas dos tempos antigos” (E 1.12, SBN 12-13). Assim, mais uma vez, Hume dá prova de seu otimismo em relação à filosofia e às ciências em geral, apesar de todo o ceticismo atribuído à sua própria

filosofia, mesmo por si mesmo: “Todo gênio aventureiro ainda dará um salto no árduo prêmio e será estimulado e não desencorajado pelos fracassos de seus antecessores; enquanto ele espera que a glória de uma aventura tão difícil seja reservada apenas para ele” (E 1.12, SBN 12-13).

5.9 A solução humeana para salvar a metafísica.

O que deve ser feito para salvar a metafísica é mudar o método de investigação, assim como seu primeiro objeto deve ser a mente ou o entendimento humano. Hume diz:

O único método de liberar o aprendizado dessas questões abstratas é investigar seriamente a natureza do entendimento humano e mostrar, a partir de uma análise precisa de seus poderes e habilidades, que ele não é de modo algum adequado a esses assuntos obscuros. Devemos nos submeter a essa fadiga, a fim de viver em paz para sempre: e devemos cultivar a verdadeira metafísica com algum cuidado, a fim de destruir a falsa e adulterada. A indolência, que para algumas pessoas fornece uma salvaguarda contra essa filosofia enganosa, é, com outros, desequilibrada pela curiosidade; e o desespero, que às vezes prevalece, pode dar origem a esperanças e expectativas otimistas (E 1.12, SBN 12-13).

Quanto ao tipo de raciocínio:

O raciocínio preciso e justo é o único remédio universal, adequado para todas as pessoas e todas as disposições; e é o único capaz de subverter essa obscura filosofia e jargão metafísico, que, misturado com a superstição popular, a torna impenetrável para os pensadores descuidados e lhe dá o ar da ciência e de sabedoria (E 1.12, SBN 12-13).

Além disso, “além dessa vantagem de rejeitar, após investigação deliberada, a parte mais incerta e desagradável da erudição, há muitas vantagens positivas, que resultam de um exame minucioso dos poderes e faculdades da natureza humana” (E 1.13, SBN 13). Até porque abandonar a correção da metafísica é um efeito ainda mais prejudicial a ser evitado, pois “lançar fora de imediato todas as pretensões desse tipo podem, com justiça, ser consideradas mais imprudentes, precipitadas e dogmáticas do que a filosofia mais ousada e mais afirmativa que já tentou impor seus ditames e princípios grosseiros à humanidade” (E 1.15, SBN 14-5).

Não importa o fato de que os raciocínios acerca da natureza humana pareçam abstratos e de difícil compreensão, desde que não sejam falsos esses raciocínios (E 1.16, SBN 15-6). “Pelo contrário”, atesta Hume (E 1.16, SBN 15-6), “parece impossível, que o que até agora escapou de tantos filósofos sábios e profundos possa ser muito óbvio e fácil”.

E quaisquer que sejam as dores que essas pesquisas possam nos custar, podemos nos considerar suficientemente recompensados, não apenas em termos de lucro, mas de prazer, se, por esse meio, pudermos fazer qualquer acréscimo ao nosso estoque de conhecimento, em assuntos de importância indescritível (E 1.16, SBN 15-6).

Hume reforça, então, a necessidade de sacrifício em prol do conhecimento e também, de uma certa forma, reformula o seu papel de embaixador entre dois mundos, conforme ele propôs no *Sobre escrever ensaios*, referindo-se, nesta seção, à felicidade que terá se, com a investigação que se inicia – ou se retoma –, conseguir “unir os limites das diferentes espécies de filosofia, reconciliando profunda investigação com clareza e verdade com novidade!” (E 1.16, SBN 15-6) e conclui dizendo que seremos ainda mais felizes se “raciocinando dessa maneira fácil, podemos minar os fundamentos de uma filosofia obscura, que parece ter servido até agora apenas como um abrigo para a superstição, e uma cobertura para o absurdo e o erro!” (E 1.17, SBN 16).

6 SOBRE DO COMERCIO.

O ensaio *Do Comércio* pertence à obra *Discursos políticos*, publicada por Hume em 1752. Neste texto introdutório, Hume aborda novamente a questão da discrepância entre o mundo dos dialogantes e o mundo dos eruditos. Aqui, especificamente, Hume faz uma distinção entre pensadores “superficiais” (Co 1, Mil 253) e “abstrusos” (Co 1, Mil 253), em cujas classes “a maioria da humanidade pode ser dividida” (Co 1, Mil 253). Para Hume, “a última classe é de longe a mais rara” (Co 1, Mil 253) e também é, “de longe, a mais útil e valiosa” (Co 1, Mil 253). Desta vez, nosso filósofo afirma o seguinte sobre pensadores abstrusos:

No mínimo, eles sugerem dicas e iniciam dificuldades que carecem, talvez, da capacidade de levar adiante, mas que podem produzir boas descobertas quando manipuladas por homens que têm um modo de pensar mais justo. Na pior das hipóteses, o que eles dizem é incomum; e, se custa algumas dores para entendê-los, tem-se, no entanto, o prazer de ouvir algo que é novo. Há pouco a ser valorizado em um autor que nos diz nada mais do que o que podemos aprender de todas as conversas de café (Co 1, Mil 253).¹³

¹³ Ou seja, há aqui uma defesa muito semelhante àquela da introdução do Tratado: a de que a verdade é de difícil acesso e que para obtê-la é necessário muita reflexão e análise aprofundada dos elementos de uma questão.

Hume afirma que os pensadores superficiais são aqueles “que ficam aquém da verdade” (Co 1, Mil 253), enquanto o abstruso “vai além” (Co 1, Mil 253). Nem um nem o outro, portanto, estão precisamente com a verdade, pois o que é estar aquém ou além da verdade? Não é estar na medida da verdade, ao lado dela. Em qualquer caso, são os pensadores abstrusos que nos dão pistas sobre quais caminhos seguir nas ciências e na filosofia e quais dificuldades devem ser abordadas e perseguidas. Neste ensaio Hume está claramente dizendo que os filósofos superficiais, que são certamente os autores da filosofia fácil, não chegam à verdade. Nem chegam à verdade, porque estão além dela, os pensadores abstrusos de um tipo: do tipo que “não tem um modo justo de pensar”. Disto segue que há um caminho certo para lidar com as dicas dadas pelos pensadores abstrusos e outro equivocado, o que nos leva ao erro e à inverdade.

Hume reconhece mais uma vez em uma obra sua que os erros dos pensadores abstrusos geraram contra eles um preconceito e uma enorme desconfiança por parte daqueles que pensam superficialmente, a tal ponto que esse preconceito surge mesmo nos pensadores de compreensão sólida: “Todas as pessoas de pensamento superficial tendem a condenar até aquelas de sólido entendimento, como pensadores e refinadores abstrusos e metafísicos; e nunca permitirão que nada seja apenas o que está além de suas próprias concepções fracas” (Co 2, Mil 253-5).

Havendo três tipos de pessoas referidas por Hume no início do ensaio *Do comércio*, ou seja, as pessoas superficiais, as abstrusas e as de sólido entendimento, tudo indica que Hume consideraria a si mesmo como a de terceiro tipo, pois já sabemos que ele via si próprio como um verdadeiro embaixador entre aqueles que estão aquém ou além da verdade. Isto é, Hume via a si mesmo como um exemplo de pensador de sólido entendimento. Muito dessa compreensão se deve a sua postura cética, pois ele considera essa postura a mais apropriada para um intelectual adotar, pois evita o dogmatismo cego, ao mesmo tempo em que incentiva a tolerância e combate a ignorância do homem comum.

É natural para Hume que os princípios gerais sejam de alguma forma intrincados e muitas vezes obscuros e que isso não seja apenas natural, mas também apropriado. Por isso, é necessário um esforço por parte das pessoas comuns ou dos pensadores superficiais para tentar sair dessa condição de desconfiança do pensamento abstruso, precisamente porque é esse tipo de pensamento que atende às verdades mais profundas, mais amplas e mais abrangentes. Esse tipo de pensamento engloba um conjunto complexo de coisas, na tentativa de explicá-las a partir de alguns princípios ou de um princípio, o que, no entanto, não é fácil de alcançar.

O que Hume combate aqui é o preconceito contra raciocínios incomuns, que obviamente devem ser rejeitados quando falsos, mas que não podem ser tomados como falsos simplesmente por serem incomuns, e que, na verdade, pensando nos textos que o autor apresentará na sequência dos *Discursos*, Hume está preparando seu leitor para os raciocínios incomuns que ele mesmo apresentará, que compreendem princípios gerais que explicam situações comerciais e político-econômicas. Hume diz:

Achei essa introdução necessária antes dos discursos sobre comércio, dinheiro, juros, balança comercial, etc. onde, talvez, ocorrerão alguns princípios que são incomuns, e que podem parecer muito refinados e sutis para tais assuntos vulgares. Se for falso, deixe que eles sejam rejeitados: Mas ninguém deve nutrir um preconceito contra eles, simplesmente porque estão fora do caminho comum (Co 3, Mil 255).

7 À GUIA DE CONCLUSÃO

É claro que Hume escreve de acordo com as circunstâncias. Ele ajusta seus propósitos de acordo com o conteúdo que o leitor enfrentará, como uma tentativa de sofrer a menor rejeição possível. Assim, as ideias apresentadas pelo filósofo escocês nesses textos devem ser lidas tendo em vista esse propósito de levar o leitor à maneira mais apropriada de olhar para os conteúdos que estão por vir. É nesse sentido que uma ênfase maior pode ser colocada na defesa da filosofia abstrusa, apesar da desvantagem de o leitor ter que lidar com o raciocínio de difícil compreensão. Na introdução do *Tratado* e na primeira seção da *Investigação*, essa defesa é ainda mais incisiva. Uma defesa semelhante pode ser identificada em *Do Comércio*. Mas em relação ao *Sobre escrever ensaios*, há uma diferença sutil, porém significativa, na qual Hume, para justificar talvez o ensaio literário como a maneira mais apropriada de escrever filosofia, e assim obter mais facilmente a aprovação pública, destaca apenas os aspectos negativos da atividade intelectual acadêmica. De qualquer forma, essa ênfase dada por Hume neste ensaio em particular é, creio eu, apenas circunstancial, e isso pode ter sido a razão de sua retirada das edições subsequentes dos *Ensaaios*. O fato é que, no texto de suas ideias definitivas em filosofia, ou seja, no texto da *Investigação*, Hume enfatiza a importância de insistir em estudos e pesquisas para esclarecer o que realmente são as coisas, já que qualquer contribuição a esse respeito será de grande ajuda para o crescimento qualitativo da humanidade.

Essa pode ser uma das ambiguidades do filósofo escocês, que se revelaria no fato de que ele procurava estabelecer as bases do conhecimento e da moral por um lado e, por outro lado, desejava a aprovação e o reconhecimento de seu trabalho teórico. Hume reconhece que o conhecimento é algo difícil de obter, precisamente por causa das limitações da condição humana, cuja verdade escapa ao indolente, ao ignorante e também ao orgulhoso estudioso, mas também reconhece que o raciocínio abstruso não leva à fama, precisamente por ele sendo obscuro e, conseqüentemente, impopular. Hume quer conhecimento e fama. Ou seja, ele quer duas coisas que não necessariamente andam juntas e parecem ter naturezas muito diferentes e até opostas. É nesse sentido que podemos ver as declarações de Hume a favor ou contra a filosofia fácil, a favor ou contra a filosofia obscura, bem como o incômodo infligido a ele por seus pares que ignoraram seu tratado inovador em nome de seus próprios sistemas filosóficos, e ainda seu desejo de ver sua filosofia ou método filosófico sendo investido em conversas diárias de todos os tipos, na esperança de ver o nível dessas conversas crescer.

Nos textos introdutórios investigados aqui, Hume frequentemente pesa sobre a importância do raciocínio abstruso, embora uma parte da metafísica, que é meramente constituída por tal raciocínio, esteja sujeita a erros e incertezas. No entanto, raciocínio abstrato, abstruso ou obscuro é inevitavelmente necessário para a evolução da verdadeira filosofia, ou verdadeira metafísica, ou ciência da natureza humana, que se pretende erigir. Hume não está defendendo uma filosofia fácil. Pelo contrário, faz uma defesa clara da necessidade de o leitor ter que se acostumar com os pensamentos ou raciocínios obscuros que certamente encontrará. Mesmo que a natureza imponha a todos nós a não exagerar em nossas inclinações ou racionais, sociais ou práticas, sugerindo que o caráter mais apropriado é aquele que alterna entre essas características, Hume insiste na necessidade de embarcar nos caminhos obscuros da ciência. Isto é, se realmente quisermos evoluir como espécie.

Para este empreendimento, há a necessidade de iniciar o caminho que leva à compreensão dos limites da natureza humana através de uma filosofia (geografia) da mente, porque é conhecendo os poderes e limites da mente, bem como a relação entre ideias, sua origem, seu mecanismo, etc., que o ser humano pode tornar-se capaz de compreender o mundo moral e, conseqüentemente, de estabelecer e administrar da melhor forma possível o modo de vida humano.

Mesmo que pareça que, para Hume, a filosofia fácil tenha algum mérito - e certamente aponta para alguns - esse mérito é inútil se não for apoiado por uma filosofia abstrusa. Em outras palavras, não adianta uma filosofia fácil e atraente se ela, mesmo que por meio da mais

perfeita eloquência, garanta nada mais que quimeras e sofismas. O caminho mais adequado para o conhecimento da natureza humana, portanto, não é o que agrada, mas o que ilumina. Nesse sentido, não devemos ser seduzidos pela filosofia fácil - e é fácil precisamente porque ela busca seduzir - porque é uma filosofia abstrusa que nos dará uma visão clara e correta de todas as coisas possíveis e necessárias.

Hume pretende atuar como anatomista, muito mais do que como pintor. É a dureza do conhecimento anatômico que embeleza e traz à perfeição uma representação humana sobre tela ou escultura. Hume entende, então, que é possível obter um prazer ainda mais intenso da aparente aspereza do conhecimento. Nesse sentido, não se deve temer a abstrusidade do conhecimento, porque a recompensa e o prazer serão ainda maiores. Assim, especialmente nas introduções de seus trabalhos sobre o entendimento, Hume é mais visionário e sonhador do que cético. De fato, até mesmo seu ceticismo é otimista, pois busca através dele corrigir o homem para levá-lo ao conhecimento e colher os frutos de uma vida guiada pela verdade ou, se não por ela, pelo menos não por sofismas e superstições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AINSLIE, Donald C. (2015). **Hume's True Scepticism**. Oxford University Press UK.

DESCARTES, René; Adam, Ch & Tannery, Paul (1897). Discours de la méthode. In: **Oeuvres de Descartes**. J. Vrin.

DESCARTES, René; Haldane, Elizabeth Sanderson & Ross, G. R. T. (1911). **Philosophical Works Rendered Into English**. University Press.

GARRET, Don. **Cognition and Commitment in Hume's Philosophy**. New York, NY: Oxford University Press, 1997.

HARRIS, James A. (2015). **Hume: an intellectual biography**. Cambridge University Press.

HUME, David. (1993). A kind of history of my life. 345-350. In: **The Cambridge companion to Hume**. Edited by David Fate Norton. Cambridge University Press.

HUME, David. **A Treatise of Human Nature** (1739-1740), ed. L. A. Selby-Bigge; 2nd edn., ed. P. H. Nidditch. Oxford: Clarendon Press, 1978.

David Hume e a necessidade de seguir a filosofia abstrusa na descoberta da província apropriada da razão humana

Roni Ederson Krause de Oliveira

HUME, David. **Essays**: moral, political, and literary. (rev. edn.) (1741/1777), ed. Eugene F. Miller. Indianapolis, IN: Liberty Fund, 1987).

HUME, David. **An Enquiry concerning Human Understanding**: a critical edition (1748), ed. Tom L. Beauchamp (Oxford: Clarendon Press, 2000).

MOSSNER, Ernest C. (1954). **The Life of David Hume**. Oxford University Press UK.